Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

OPEN ACCESS

doi.org/10.51891/rease.v12i11.32809

PARA ALÉM DA ADMIRAÇÃO: VÍNCULOS PARASSOCIAIS, PERTENCIMENTO E PROCESSOS COGNITIVOS NA CULTURA SWIFTIE

BEYOND ADMIRATION: PARASOCIAL RELATIONSHIPS, BELONGING, AND COGNITIVE PROCESSES IN SWIFTIE CULTURE

MÁS ALLÁ DE LA ADMIRACIÓN: VÍNCULOS PARASOCIALES, PERTENENCIA Y PROCESOS COGNITIVOS EN LA CULTURA SWIFTIE

Maria Clara Fernandes da Silva Ferreira[1]
Luiz Felipe da Silva Alcantara Trindade de Paula Azeredo Bruno[2]
Mariana Fernandes Ramos dos Santos[3]

RESUMO: Esse artigo buscou analisar sob a perspectiva da Psicologia Social e da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), as interfaces entre vínculos parassociais, identidade social, pertencimento e processos cognitivo-emocionais na cultura Swiftie. Metodologicamente, delineia-se como uma revisão bibliográfica narrativa de caráter exploratório-descritivo, fundamentada em uma síntese qualitativa de registros organizados em matriz de extração analítica, selecionados a partir de um levantamento inicial de fontes interdisciplinares. Os resultados evidenciam que a identificação com o grupo e a relação parassocial mediada pelo ambiente digital desempenham papel significativo no reconhecimento identitário, na percepção de suporte social e no enfrentamento do isolamento na modernidade líquida. Paralelamente, identificam-se tensões associadas à comparação social, cobrança intragrupal e potenciais dinâmicas de esquiva experiencial. Na articulação com a TCC, o modelo cognitivo e a teoria da aprendizagem vicária oferecem hipóteses interpretativas pertinentes sobre esquemas relacionais e regulação afetiva, embora a imersão na comunidade não substitua processos formais de intervenção ou reestruturação clínica. Conclui-se que o fenômeno demanda uma abordagem compreensiva, contextualizada e não patologizante, reconhecendo o fandom como um ecossistema sociocultural complexo com potencial adaptativo, resguardada a necessidade de contínuo escrutínio empírico de seus impactos psicossociais.

Palavras-chave: Cultura de fãs. Relações parassociais. Pertencimento. Terapia Cognitivo-Comportamental.

[1]Discente do curso de Psicologia na Universidade Afya/Itaperuna.
[2]Docente do Afya Centro Universitário Itaperuna, orientador, pós-graduado em Neuropsicologia, Avaliação Psicológica e Psicodiagnóstico.
[3]Docente, Orientadora e Supervisora em Psicologia na Graduação pela Afya. Centro Universitário Afya Itaperuna, Mestre em Psicologia. Neuropsicóloga. Neuropsicopedagoga. Terapeuta Cognitivo Comportamental. Especialista em Psiquiatria, Saúde Mental. Docente da Graduação em Psicologia Afya/Itaperuna.

ABSTRACT: This article sought to examine, from the perspectives of Social Psychology and Cognitive-Behavioral Therapy (CBT), the interfaces among parasocial bonds, social identity, belonging, and cognitive-emotional processes within Swiftie culture. Methodologically, it is designed as an exploratory-descriptive narrative literature review based on a qualitative synthesis of records organized in an analytical extraction matrix, selected from an initial survey of interdisciplinary sources. The findings indicate that group identification and parasocial relationships mediated by the digital environment play a significant role in identity validation, perceived social support, and coping with isolation in liquid modernity. Concurrently, tensions associated with social comparison, intragroup pressure, and potential experiential avoidance dynamics were identified. In its articulation with CBT, the cognitive model and vicarious learning theory offer pertinent interpretive hypotheses regarding relational schemas and affective regulation, although community immersion does not replace formal clinical intervention or restructuring processes. It is concluded that the phenomenon demands a comprehensive, contextualized, and non-pathologizing approach, recognizing the fandom as a complex sociocultural ecosystem with adaptive potential, while emphasizing the need for continued empirical scrutiny of its psychosocial impacts.

Keywords: Swiftie culture. Parasocial relationships. Belonging. Cognitive-Behavioral Therapy. Social identity.

RESUMEN: Este artículo buscó analizar, desde la perspectiva de la Psicología Social y de la Terapia Cognitivo-Conductual (TCC), las interfaces entre vínculos parasociales, identidad social, pertenencia y procesos cognitivo-emocionales en la cultura Swiftie. Metodológicamente, se diseña como una revisión bibliográfica narrativa de carácter exploratorio-descriptivo, fundamentada en una síntesis cualitativa de registros organizados en una matriz de extracción analítica, seleccionados a partir de un levantamento inicial de fuentes interdisciplinarias. Los resultados evidencian que la identificación con el grupo y la relación parasocial mediada por el entorno digital desempeñan un papel significativo en el reconocimiento identitario, en la percepción de apoyo social y en el afrontamiento del aislamiento en la modernidad líquida. Paralelamente, se identifican tensiones asociadas a la comparación social, exigencias intragrupales y potenciales dinámicas de evitación experiencial. En la articulación con la TCC, el modelo cognitivo y la teoría del aprendizaje vicario ofrecen hipótesis interpretativas pertinentes sobre esquemas relacionales y regulación afectiva, aunque la inmersión en la comunidad no sustituye procesos formales de intervención o reestructuración clínica. Se concluye que el fenómeno demanda un enfoque comprensivo, contextualizado y no patologizante, reconociendo al fandom como un ecosistema sociocultural complejo con potencial adaptativo, salvaguardando la necesidad de un continuo escrutinio empírico de sus impactos psicosociales.

Palabras clave: Cultura Swiftie. Relaciones parasociales. Pertenencia. Terapia Cognitivo-Conductual. Identidad social.

INTRODUÇÃO

A expansão das tecnologias digitais e das plataformas virtuais redefiniu os modos de produção, circulação e consumo de bens culturais, reconfigurando profundamente as fronteiras de interação entre artistas e audiências. Nesse cenário hiperconectado, os agrupamentos de admiradores, historicamente designados como fandoms, deixaram de figurar como meros

receptores passivos para se constituírem como comunidades interpretativas ativas, produtoras de significados, rituais e redes de sociabilidade em constante negociação. De acordo com as formulações de Jenkins H (2009) sobre a cultura da convergência, esse modelo caracteriza-se pela cultura participativa: um ecossistema comunicacional em que o público atua ativamente como coprodutor e articulador de sentidos em rede, com baixas barreiras ao engajamento criativo e forte apoio mútuo. Por meio da inteligência coletiva, os membros apropriam-se de narrativas midiáticas complexas, desvendam mensagens e constroem subculturas com normas, símbolos e linguagens próprias. Essa reconfiguração contemporânea exige a superação definitiva de paradigmas tradicionais que, durante décadas, associaram a figura do fã a estereótipos de obsessão e inadequação psicológica, conforme criticado historicamente por Jensen J (1992) e complementado pelas análises de Hills M (2002). Impõe-se, assim, uma abordagem que investigue o engajamento afetivo e comunitário sem a premissa reducionista da psicopatologia.

No panorama da música popular global, a comunidade de admiradores da cantora e compositora Taylor Swift, autodenominada *Swifties*, destaca-se como um dos fenômenos socioculturais e afetivos mais densos da contemporaneidade. A sustentação desse engajamento em larga escala fundamenta-se tanto na lírica confessional da artista, a qual é marcada pela exposição vulnerável de dilemas sobre rejeição, amadurecimento e perdas interpessoais, quanto em uma arquitetura de comunicação interativa que mobiliza a decodificação coletiva de mensagens cifradas (*easter eggs*) e tradições comunitárias presenciais e virtuais. Em um contexto sociológico caracterizado pela fluidez e pela fragilidade dos vínculos humanos presenciais, sintetizado na noção de modernidade líquida proposta por Bauman Z (2003; 2004), tais agrupamentos emergem como espaços de mediação psicológica, nos quais a busca fundamental por pertencimento, segurança e ancoragem afetiva encontra acolhimento mútuo.

Todavia, persiste na literatura uma lacuna expressiva quanto à compreensão integrada desses processos sob a ótica da Psicologia Clínica e Social. Embora estudos em comunicação descrevam as dinâmicas participativas e pesquisas sociológicas enfatizem o capital social em rede, são escassas as investigações dedicadas a examinar como constructos cognitivo-comportamentais articulam-se à experiência do fã. Se por um lado Tajfel H e Turner JC (1979) explicam a consolidação da identidade social a partir da divisão entre endogrupo e exogrupo, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) fornece categorias teóricas indispensáveis para compreender a dinâmica individual desse envolvimento. Conforme propõe Bandura A (1986)

pela Teoria Social Cognitiva, a aprendizagem vicária e a modelação desempenham papel primordial na assimilação de repertórios de enfrentamento; em convergência, as formulações de Beck AT (1979) e Young JE, et al. (2003) sobre pensamentos automáticos e esquemas relacionais permitem discernir quando o pertencimento comunitário atua como recurso adaptativo de enfrentamento (*coping*) ou quando se converte em esquiva experiencial diante de conflitos do mundo real.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar criticamente as interfaces entre vínculos parassociais, identidade social, pertencimento e processos cognitivo-emocionais na cultura *Swiftie*, articulando as contribuições teóricas da Psicologia Social e da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Busca-se, desse modo, fundamentar uma leitura interdisciplinar, contextualizada e não patologizante do fenômeno, delimitando o alcance explicativo das hipóteses clínicas sem presumir efeitos terapêuticos milagrosos ou rótulos disfuncionais prévios.

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, exploratório-descritiva, desenvolvida por meio do procedimento de revisão bibliográfica narrativa. Com o intuito de conferir transparência e replicabilidade ao percurso investigativo, o levantamento documental foi conduzido entre março e outubro de 2026, mediante buscas direcionadas em portais interdisciplinares e bases de indexação acadêmica: Google Acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e PubMed/PMC (via PubMed Central), complementadas pela consulta a repositórios de periódicos especializados nas áreas de comunicação midiática, sociologia da cultura e psicologia clínica e social.

A estratégia de busca fundamentou-se em combinações booleanas (operadores AND e OR) entre descritores controlados e termos livres nos idiomas português e inglês, a saber: ("relações parassociais" OR "parasocial relationships" OR "parasocial interaction") AND ("pertencimento" OR "belonging" OR "social identity") AND ("fandom" OR "cultura de fãs" OR "Swifties" OR "Taylor Swift") AND ("terapia cognitivo-comportamental" OR "cognitive behavioral therapy" OR "coping"). Privilegiou-se um recorte temporal concentrado preferencialmente nas publicações empíricas dos últimos dez anos (2014–2026) para captar o ecossistema digital contemporâneo, sem prejuízo da inclusão deliberada de obras e artigos

seminais (1956–2009) indispensáveis à sustentação conceitual dos modelos de apego, identidade social e aprendizagem social.

A triagem inicial resultou na identificação de aproximadamente 118 registros bibliográficos. A seleção do corpus orientou-se por etapas sucessivas: 1) Leitura exploratória de títulos e resumos, excluindo-se duplicatas, publicações pré-científicas, ensaios de opinião sem fundamentação acadêmica e artigos que tratavam de celebridades sob enfoques exclusivamente mercadológicos ou biomédicos desvinculados de dinâmicas psicossociais; 2) Leitura analítica integral dos trabalhos potencialmente elegíveis. Estabeleceram-se como critérios de inclusão: artigos indexados por pares e livros de referência teórica que investigassem os processos de interação e apego parassocial, mecanismos de identificação e coesão intragrupal, ou manifestações comportamentais e afetivas diretamente observadas na audiência e no ecossistema da cultura Swiftie.

A partir desse crivo, delimitou-se um corpus definitivo representativo de 29 obras fundamentais (entre artigos empíricos, revisões sistemáticas, metanálises e livros teóricos). Os dados dessas publicações foram compilados e estruturados em uma matriz analítica de extração, organizada em planilhas que contemplaram as seguintes categorias analíticas: a) Identificação formal (autoria, ano de publicação e periódico/obra); b) Delineamento metodológico do estudo de origem (metanálise, experimento, pesquisa qualitativa ou ensaio teórico); c) Contexto e população investigada; d) Principais variáveis ou constructos examinados; e) Achados empíricos e teóricos reportados; e f) Tensões, limitações e ambivalências assinaladas pelos autores de origem. O material sistematizado foi submetido à análise temática integrativa, permitindo a categorização dos resultados em três eixos centrais de discussão.

Por se tratar de um estudo de revisão narrativa de literatura elaborado estritamente a partir de fontes secundárias de domínio e acesso público, sem experimentação ou coleta direta com seres humanos, dispensou-se a submissão a Comitê de Ética em Pesquisa, em estrita conformidade com as resoluções éticas vigentes no Brasil.

RESULTADOS

A análise sistemática do corpus bibliográfico representativo revelou um panorama diversificado de investigações empíricas e modelos teóricos sobre a mediação digital e o comportamento de audiências. Os dados extraídos da matriz analítica demonstraram que os estudos primários e metanálises mapeados se concentram predominantemente na intersecção

entre a comunicação midiática e a psicologia social, fornecendo evidências diretas sobre como os fãs vivenciam a proximidade com figuras públicas e constroem suas redes de pares.

Para organizar essas evidências de modo a diferenciar com clareza o que constitui dado demonstrado pela literatura de origem daquilo que se configura como a proposição analítico-interpretativa dos autores do presente trabalho à luz da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), o Quadro 1 consolida a síntese temática dos três eixos analíticos delimitados. (Quadro 1)

Quadro 1 – Síntese temática e categorial dos eixos analíticos da revisão bibliográfica.

Eixo Temático	Autores Representativos	Foco Conceitual	Principais Convergências e Tensões Mapeadas
1. Vínculos e Interações Parassociais	Tukachinsky R, et al. (2020); Lotun S, et al. (2024); Hoffner CA, et al. (2022); Stein JP, et al. (2022); Giles DC (2002).	Conceituação de interação versus relação parassocial continuada, apego midiático e impacto no bem-estar subjetivo.	Convergência quanto à capacidade das relações parassociais em atender demandas emocionais sem configurar déficit social. Tensão entre alívio pontual de humor e ausência de redução sustentada da solidão imediata, com riscos de comparação social ascendente.
2. Pertencimento, Identidade Social e Redes Virtuais	Allen KA, et al. (2021); Haslam SA, et al. (2021); Rosario AB, et al. (2022); Baumeister RF e Leary MR (1995); Tajfel H e Turner JC (1979).	Modelos integrativos de pertencimento, suporte social percebido, identidade compartilhada e dinâmicas grupais em plataformas virtuais.	Convergência quanto ao papel da identidade grupal compartilhada como fator de proteção e resiliência. Tensão no ambiente digital decorrente do paradoxo entre acolhimento mútuo e práticas de vigilância interna, conformismo e estresse situacional.
3. Cultura Swiftie e Práticas Participativas	Zafina N, et al. (2024); Driessen S (2022); Morris A (2024); Manoharan P (2026); Groene SL e Hettinger VE (2016).	Relações parassociais com Taylor Swift, cultura digital de quarto, decodificação de easter eggs, The Eras Tour e engajamento sociopolítico.	Demonstração de forte inteligência coletiva, solidariedade comunitária e circulação de narrativas confessionais. Tensões evidentes em disputas intragrupais sobre legitimidade e autenticidade dos fãs e atritos em torno de posicionamentos da artista.

Fonte: Os autores (2026).

DISCUSSÃO

Os achados compilados nesta revisão narrativa, fundamentados nas premissas conceituais pioneiras sobre a interação parassocial (HORTON D, WOHL RR, 1956) e a teoria do apego (BOWLBY J, 1989), evidenciam a complexidade psicossocial no cenário midiático

contemporâneo. Conforme a metanálise desenvolvida por Tukachinsky R, et al. (2020), a vinculação estabelecida com figuras públicas associa-se fortemente ao envolvimento narrativo e à ressonância emocional, refutando a hipótese estigmatizante de que tais laços originem-se prioritariamente de déficits nas habilidades sociais ou de isolamento patológico no cotidiano físico. Em convergência, Lotun S, et al. (2024) destacam a capacidade percebida dessas conexões em atender a demandas emocionais genuínas de acolhimento e validação identitária. Todavia, esse processo comporta ambivalências significativas. Conforme aponta Hoffner CA, et al. (2022), paralelamente aos ganhos de conforto psíquico, a proximidade virtual com celebridades expõe os indivíduos a processos recorrentes de comparação social ascendente, deflagrando sentimentos de inadequação e insegurança diante de padrões de vida idealizados.

No âmbito do pertencimento e da identidade social, os dados confirmam que a afiliação a comunidades de fãs atua como uma âncora psicológica relevante frente à fragmentação dos laços na modernidade líquida. Em consonância com o modelo conceitual de pertencimento proposto por Allen KA, et al. (2021), Haslam SA, et al. (2021) sustentam que a identificação com grupos sociais compartilhados viabiliza recursos de conexão protetivos à saúde mental, fomentando a resiliência psicológica diante de estressores existenciais. Não obstante esses benefícios de suporte mútuo, as evidências examinadas por Rosario AB, et al. (2022) revelam que o ecossistema comunitário digital opera sob contradições latentes: coexistem no espaço grupal redes de solidariedade autêntica e pressões de conformismo normativo, vigilância recíproca e ansiedade associada ao medo de exclusão. A experiência de pertencer a uma comunidade em rede oscila, portanto, entre o acolhimento afetivo e a demanda de adequação aos códigos coletivos.

Essas manifestações ganham contornos expressivos na cultura *Swiftie*. Os estudos empíricos direcionados a essa audiência revelam uma articulação transnacional singular, ancorada na percepção de intimidade e autenticidade mediada pelas redes digitais (ZAFINA N, et al., 2024). Práticas como a estética de quarto e a nostalgia partilhada analisadas por Morris A (2024), associadas à mobilização logística coletiva na condução de rituais presenciais durante grandes turnês documentada por Manoharan P (2026), demonstram a potência da cultura participativa na geração de capital social. Contudo, longe de configurar um bloco monolítico, Driessen S (2022) demonstra que o envolvimento dos fãs é marcado por tensões discursivas e negociações morais quando a artista expressa posicionamentos ético-políticos públicos, provocando atritos entre expectativas individuais e narrativas grupais.

Um dos desfechos transversais mais relevantes repousa na distinção conceitual entre alívio afetivo imediato e resolução sustentada de conflitos psicossociais. Conforme demonstrado experimentalmente por Stein JP, et al. (2022), a interação parassocial proporciona melhora instantânea nos estados de humor, sem que isso produza uma redução direta e sustentada dos sentimentos de solidão interpessoal a curto prazo. Essa constatação teórica impede que o consumo midiático ou a identificação com personalidades públicas sejam equiparados à substituição qualitativa de vínculos presenciais profundos ou à resolução espontânea de sofrimentos psíquicos estruturados.

Sob a perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), tais constatações oferecem ferramentas indispensáveis para uma compreensão contextualizada, técnica e não patologizante do engajamento em fandoms. Longe de ser descartada na clínica como futilidade ou mero sintoma de alienação, a relação do paciente com a cultura pop reflete aspectos centrais de seus esquemas relacionais e de suas estratégias de regulação emocional. As narrativas líricas confessionais de Taylor Swift funcionam como recurso potente para a psicoeducação sobre estados emocionais difusos, como rejeição, luto interpessoal e frustração, operando como pontes facilitadoras de acesso a pensamentos automáticos e crenças centrais de desamor e desamparo (BECK AT, 1979; YOUNG JE, et al., 2003). Do mesmo modo, a trajetória pública de superação e agência da compositora oferece modelos concretos para o diálogo socrático e a aprendizagem vicária de enfrentamento (BANDURA A, 1986).

A prática psicoterápica, contudo, deve orientar-se fundamentalmente pela análise funcional do comportamento para discernir a função operante desse envolvimento na vida do sujeito. Por um lado, o consumo cultural e a participação comunitária configuram estratégias de enfrentamento adaptativo (*coping*), mediadas por reforço positivo, quando fornecem suporte momentâneo e validação que permitem ao indivíduo restaurar recursos cognitivos para lidar com suas demandas acadêmicas, laborais e relacionais concretas. Por outro lado, o engajamento pode operar como mecanismo de esquiva experiencial, mediado por reforço negativo, quando a imersão na vida da artista ou nas disputas virtuais atua como fuga sistemática de conflitos da realidade ou de ansiedade social. Nesses casos, o comportamento afasta o indivíduo de reforçadores naturais do ambiente presencial e perpetua o isolamento, demandando intervenções de reestruturação cognitiva, treino de assertividade e exposição gradual. Fundamenta-se, assim, que a imersão na comunidade possui potencial adaptativo inegável, ressalvando-se com rigor ético que o pertencimento a agrupamentos de fãs não substitui

processos psicoterapêuticos formais nem atua autonomamente na modificação de esquemas desadaptativos.

Sob o prisma estrito da prática clínica baseada em evidências, a articulação entre os modelos da TCC e a vivência em comunidades de fãs oferece desdobramentos operacionais fecundos para além do mero diagnóstico descritivo. No âmbito do modelo cognitivo proposto por Beck AT (1979) e Beck JS (1997), a adesão contínua a manifestações da cultura pop pode atuar como um terreno fértil para a análise de pensamentos automáticos e distorções cognitivas prevalentes em indivíduos com histórico de isolamento social. Ao acompanhar a narrativa lírica e biográfica de vulnerabilidade exposta pela artista, o sujeito entra em contato com temas universais de inadequação pessoal, fracasso percebido e rejeição amorosa. Quando mediado pelo questionamento reflexivo, esse material simbólico auxilia na identificação de crenças condicionadas, como por exemplo a necessidade imperativa de aprovação externa ou a catastrofização diante do término de vínculos interpessoais, permitindo ao sujeito contrapor evidências concretas aos seus esquemas disfuncionais de desamor e desamparo. Não obstante, a investigação clínica não pode desconsiderar os riscos de reforçamento de esquemas desadaptativos precoces delineados por Young JE, et al. (2003). Embora a afiliação grupal ofereça um acolhimento inicial protetivo diante da modernidade líquida conceituada por Bauman Z (2004), ela comporta o perigo de operar como manutenção ou compensação esquemática quando a validação do endogrupo se torna a única fonte aceitável de autorrespeito. Nesses cenários, a vigilância recíproca, o temor constante de exclusão e a comparação social ascendente perante as experiências idealizadas de outros membros da comunidade, dinâmica discutida nos estudos de Hoffner CA, et al. (2022) e Rosario AB, et al. (2022), tendem a reativar esquemas de vergonha e padrões inflexíveis de pertencimento. Cabe, portanto, ao terapeuta conduzir a conceitualização cognitiva de modo a integrar a potência afetiva do fandom como ferramenta de *coping* funcional, desmantelando ativamente o uso da admiração midiática como barreira de esquiva vivencial frente aos desafios do mundo presencial.

Por fim, cabe destacar que este estudo apresenta limitações inerentes ao delineamento de revisão bibliográfica narrativa qualitativa baseada em fontes secundárias. A heterogeneidade metodológica e geográfica das publicações analisadas restringe a generalização imediata dos resultados para a realidade sociocultural de fãs no cenário brasileiro e latino-americano. Recomenda-se que investigações futuras conduzam pesquisas empíricas primárias, tanto quantitativas, por meio de instrumentos psicométricos validados de apego parassocial e senso

de comunidade, quanto qualitativas em contexto clínico, visando mensurar com maior precisão o impacto longitudinal dessas práticas e a eficácia de intervenções da TCC que integrem elementos da cultura pop no manejo do sofrimento psíquico contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou criticamente as interfaces entre vínculos parassociais, identidade social, pertencimento comunitário e regulação emocional na cultura Swiftie, articulando as contribuições conceituais da Psicologia Social e da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Os dados reunidos demonstram que a adesão em torno da obra de Taylor Swift transcende o consumo recreativo passivo, configurando um ecossistema participativo singular no qual narrativas individuais e práticas coletivas se coevoluem, desmistificando o estigma histórico que associava a admiração por figuras públicas a quadros de alienação ou patologia.

Um dos pilares dessa identificação profunda reside na capacidade da artista de traduzir em lírica confessional a amplitude do espectro emocional humano, fornecendo contornos e palavras a vivências que muitas vezes os próprios ouvintes não conseguiam nomear. Se por um lado a compositora dá voz a afetos universais de vulnerabilidade, inadequação e rejeição, por outro ela celebra com a mesma intensidade os sentimentos de euforia, esperança, encantamento romântico e a alegria visceral do afeto compartilhado.

Sob o prisma da TCC, propõe-se que esse processo possa operar como um recurso espontâneo de psicoeducação afetiva, pois ao expor suas próprias inseguranças, dilemas de autoimagem e perdas interpessoais, a cantora desfaz a distância hierárquica entre a celebridade e o público, permitindo que a audiência acesse e ressignifique pensamentos automáticos e crenças centrais de desamor e desamparo (BECK AT, 1979; YOUNG JE, et al., 2003). Ademais, a contínua reinvenção estética e musical da artista ao longo de diferentes "eras" e o engajamento na decodificação de pistas narrativas (*easter eggs*) operam como catalisadores de inteligência coletiva e validação identitária, fortalecendo os laços de coesão do endogrupo e o senso de pertencimento (JENKINS H, 2009; TAJFEL H e TURNER JC, 1979).

Essa dinâmica atinge seu ápice formativo na modelação da resiliência vicária (BANDURA A, 1986). A trajetória pública da compositora diante de rupturas e críticas encontra expressão paradigmática em seu discurso de formatura na Universidade de Nova York em 2022, no qual proferiu a célebre reflexão: "A notícia assustadora é: você está por conta

própria agora. Mas a notícia boa é: você está por conta própria agora"[4]. Essa premissa, convertida posteriormente no conceito central da canção You're On Your Own, Kid, sintetiza uma transição cognitiva crucial: a ressignificação do medo do isolamento em afirmação de autonomia e agência pessoal. Ao compartilhar rituais de enfrentamento e amizade, como a confecção dos braceletes inspirada nessa mesma faixa, o fandom transforma o desamparo individual em capital social protetivo e suporte comunitário.

Cumpre sublinhar as implicações éticas e operacionais que tais conclusões acarretam para a intervenção psicológica contemporânea. Longe de ser tratada como futilidade mercadológica ou desvio comportamental, a inserção dos sujeitos em subculturas e redes de fãs deve ser acolhida pelos profissionais de saúde mental como uma autêntica janela compreensiva para o seu funcionamento psíquico.

A utilização deliberada de referências culturais compartilhadas pode enriquecer o estabelecimento da aliança terapêutica (*rapport*), especialmente no atendimento a adolescentes e jovens adultos, servindo de ponte linguística para acessar afetos bloqueados e introduzir estratégias de regulação emocional e resolução de problemas de forma menos invasiva.

Reitera-se, contudo, que a experiência estética e comunitária constitui um complemento adaptativo e humanizador da vida social ordinária, jamais devendo ser confundida com a sistematicidade, o método e a neutralidade técnica de um tratamento psicoterápico estruturado.

Não obstante esse potencial adaptativo, a pesquisa ressalta que as comunidades virtuais não estão isentas de tensões, envolvendo riscos de comparação social ascendente e vigilância normativa. Torna-se imperativo, portanto, que a prática clínica adote a análise funcional do comportamento como diretriz ética, discernindo quando o engajamento opera como enfrentamento ativo e suporte emocional (*coping*) ou quando se manifesta como esquiva experiencial sistemática das demandas da vida concreta. Conclui-se que a cultura Swiftie oferece subsídios valiosos para a compreensão da saúde mental contemporânea, demandando uma escuta clínica técnica, empática e contextualizada, resguardando-se a premissa de que a vivência comunitária enriquece os repertórios afetivos dos sujeitos, sem, contudo, substituir intervenções psicoterapêuticas formais.

[4] No original: "The scary news is: you're on your own now. But the cool news is: you're on your own now". Tradução livre nossa.

REFERÊNCIAS

1. ALLEN KA, et al. Belonging: a review of conceptual issues, an integrative framework, and directions for future research. Australian Journal of Psychology, 2021; 73(1): 87-102.
2. BANDURA A. Social learning theory. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1977; 247 p.
3. BANDURA A. Social foundations of thought and action: a social cognitive theory. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1986; 617 p.
4. BAUMAN Z. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003; 144 p.
5. BAUMAN Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004; 192 p.
6. BAUMEISTER RF, LEARY MR. The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. Psychological Bulletin, 1995; 117(3): 497-529.
7. BECK AT. Cognitive therapy of depression. New York: Guilford Press, 1979; 425 p.
8. BECK JS. Terapia cognitiva: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 1997; 348 p.
9. BOWLBY J. Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989; 192 p.
10. COLE T, LEETS L. Attachment styles and parasocial interaction. Communication Research, 1999; 26(4): 495-511.
11. DRIESSEN S. Look what you made them do: understanding fans' affective responses to Taylor Swift's political coming-out. Celebrity Studies, 2022; 13(2): 1-15.
12. GILES DC. Parasocial interaction: a review of the literature and a model for future research. Media Psychology, 2002; 4(3): 279-305.
13. GILES DC, MALTBY J. The role of media in adolescent parasocial relationships and peer relationships. Journal of Adolescence, 2004; 27(5): 601-606.
14. GROENE SL, HETTINGER VE. Are you "fan" enough? The role of identity in media fandoms. Psychology of Popular Media Culture, 2016; 5(4): 324-339.
15. HASLAM SA, et al. Social identity makes group-based social connection possible: implications for loneliness and mental health. Current Opinion in Psychology, 2021; 43: 1-6.
16. HILLS M. Fan cultures. London: Routledge, 2002; 256 p.
17. HOFFNER CA, et al. Parasocial relationships, social media, & well-being. Current Opinion in Psychology, 2022; 45: 1-6.

18. HORTON D, WOHL RR. Mass communication and para-social interaction: observations on intimacy at a distance. Psychiatry, 1956; 19(3): 215-229.

19. JENKINS H. Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009; 432 p.

20. JENSEN J. Fandom as pathology: the consequences of characterization. In: LEWIS LA (ed.). The adoring audience: fan culture and popular media. London: Routledge, 1992; p. 9-29.

21. LOTUN S, et al. People perceive parasocial relationships to be effective at fulfilling emotional needs. Scientific Reports, 2024; 14(1): 1-11.

22. MANOHARAN P. It's Me, Hi, I'm the Fandom, It's Me: how Swifties helped build The Eras Tour. Wacana Seni Journal of Arts Discourse, 2026; 23: 1-18.

23. MORRIS A. Drew a map on your bedroom ceiling: fandoms, nostalgic girlhood and digital bedroom cultures in the Swiftie-sphere. Celebrity Studies, 2024; 15(2): 1-17.

24. ROSARIO AB, et al. Paradoxes of social support in virtual support communities. Journal of Interactive Marketing, 2022; 57(1): 1-18.

25. STEIN JP, et al. Feeling better... but also less lonely? An experimental comparison of how parasocial and social relationships affect people's well-being. Mass Communication and Society, 2022; 25(5): 1-24.

26. TAJFEL H, TURNER JC. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN WG, WORCHEL S (ed.). The social psychology of intergroup relations. Monterey: Brooks/Cole, 1979; p. 33-47.

27. TUKACHINSKY R, et al. Antecedents and effects of parasocial relationships: a meta-analysis. Journal of Communication, 2020; 70(6): 868-894.

28. YOUNG JE, et al. Schema therapy: a practitioner's guide. New York: Guilford Press, 2003; 436 p.

29. ZAFINA N, et al. Celebrity-fan relationship: studying Taylor Swift and Indonesian Swifties' parasocial relationships on social media. Media Asia, 2024; 51(2): 1-16.